

Realizou-se o meu antigo sonho de voar. Vogo, imponderável, num meio invisível; sem custo deslizo acima de uma região cheia de sol. No entanto, não avanço de barriga espetada, cabeça erguida, como crê dever fazer o homem na sua pretensão filistina de dignidade. Prefiro a atitude dos vertebrados, consagrada por tradições milenárias: tenho as costas voltadas para o céu e a cabeça para a frente. Quando quero olhar diante de mim, a posição dolorosa do meu pescoço erguido lembra-me que sou, na verdade, um habitante de outro mundo. Mas raramente sinto desejo disso e o meu olhar dirige-se a maior parte das vezes para o fundo e para as coisas que estão abaixo de mim, como convém a um investigador terrestre.

«Porque aí, no seio das águas, reina o terror. E o homem não deve tentar os deuses, nem desejar nunca — oh, nunca! — ver o que a sua clemência nos esconde na noite e no horror». No entanto, na medida em que os deuses se abstêm e em que, pelo contrário, os benevolentes raios do sol meridional emprestam a cores do seu espectro aos animais e às plantas, o homem deverá tentar penetrar aí — o que lhe aconselho — pelo menos uma vez na vida, enquanto tiver idade para isso. Precisa apenas de uma máscara de mergulhar, um respirador e talvez, se quiser fazer vista, umas barbatanas nos pés; além disso, se um vento favorável o não empurrar ainda mais para sul, dinheiro suficiente para ir até à beira do Mediterrâneo ou do Adriático.

Agitando docemente as barbatanas, aqui estou eu a atravessar esta paisagem de conto de fadas que oferecem os inúmeros ilhéus

de calcário coralífero, chamados Keys, que prolongam numa longa cadeia a extremidade sul da península da Florida. Já não é a paisagem dos recifes de coral propriamente dita, com as suas montanhas e vales desertos, selvaticamente escarpados. Mas, se é menos heróica, não perde em animação: por toda a parte, disseminados num solo de antigos maciços de coral, estão fixados os estranhos globos do coral-cérebro e, mais espaçados, os maciços de coral-acrópora de mil ramificações e os bosques ondulantes das palmeiras marinhas ou gorgónias de toda a espécie; entre eles, o que nunca se encontra nos verdadeiros recifes de coral, mais ao largo: uma vegetação muito variada de *fucus* castanhos, vermelhos ou dourados. Longe umas das outras erguem-se as esponjas Loggerhead, volumosas como pessoas, altas como mesas, cujas formas pouco estéticas mas regulares parecem ter sido moldadas por mãos humanas. Em parte alguma se vê uma superfície livre de rocha inanimada. Todos os interstícios entre os organismos já mencionados se encontram cheios de uma camada espessa de briozoários, de pólipos hidróides e de esponjas. Não saberia dizer se algumas dessas coberturas vivas, tal como a rocha que está por baixo delas, pertencem ao reino vegetal ou ao reino animal.

O meu movimento fácil leva-me progressivamente para águas cada vez menos profundas. O número dos corais diminui, o das plantas aumenta. Por baixo de mim estendem-se grandes florestas de uma bela alga cujas formas e proporções lembram exactamente as acácias em forma de guarda-sol da África, o que me dá a ilusão de não flutuar acima de um fundo de coral do Atlântico, a uma altura que pouco excede a de uma pessoa, mas cem vezes mais alto, acima de uma savana da Etiópia. Pradarias imensas de vareque e outras, mais pequenas, de zosteras anãs deslizam sob os meus olhos. Por fim, tenho apenas um metro de água debaixo de mim. O meu olhar descobre então, à minha frente, uma longa barreira escura e irregular que se estende à direita e à esquerda a perder de vista, enchendo completamente o espaço entre o fundo luminoso do oceano e o espelho da sua superfície. É a fronteira entre a terra e o mar, a costa de Lignum Vitae Key, a ilha da Árvore da Vida.

O número de peixes aumenta rapidamente. Às dúzias, lançam-se agora por debaixo de mim e isso lembra-me de novo as vistas

aéreas de África, onde se vêem hordas de caça dispersar em todos os sentidos à frente da sombra do avião. Os gordos peixes-balão, tão cómicos comportam-se exactamente como essas perdizes que levantam voo de um campo de trigo para nele se aninharem logo em seguida, depois de uma fuga mais ou menos longa. Outros peixes, de cores extravagantes mas sempre harmoniosas, fazem exactamente o contrário e, mal me aproximo, mergulham logo sob as algas marinhas. Um grande peixe-ouriço, que tem acima dos seus olhos muito azuis lindos chifres de diabo, nem sequer se mexe e limita-se a fazer troça. Nunca lhe fiz mal, mas um dos seus parentes atacou-me, no outro dia. Quando peguei desajeitadamente neste peixe a que os americanos chamam *Spiny Boxfish*, mordeu-me com o seu bico de papagaio cortante, formado por dois dentes opostos, e tirou, sem qualquer esforço, um bocado de pele do meu indicador direito. Mergulho em direcção ao exemplar que acabo de ver. Depois, segundo uma técnica segura que poupa as forças e que o pato emprega quando filtra o lodo, ergo o traseiro para fora de água, agarro o tipo com precaução e subo com ele à superfície. Depois de várias e vãs tentativas para me morder, decide-se a tomar a sério a situação. Começa a inchar. A minha mão sente nitidamente as «pulsações» da pequena bomba formada pelos seus músculos faríngeos. Quando a sua pele está esticada até aos limites da elasticidade e a minha mão apenas cerca uma pequena bola de espinhos, muito redonda, liberto o meu prisioneiro. É divertido ver com que rapidez expele a água aspirada e desaparece nas algas marinhas.

Volto-me agora para a parede rochosa da margem, que separa a terra do mar. À primeira vista, dir-se-ia feita de tufo, de tal modo a sua superfície é atormentada, a tal ponto são numerosas as cavidades que me lançam um olhar fixo e sombrio como as órbitas de uma caveira. Na realidade, trata-se de um antigo esqueleto de coral, vestígio de um recife pré-glaciar, seco e morto durante a glaciação de Sangammon. Por toda a parte, na rocha, se vêem os restos das mesmas espécies de coral que hoje existem e, metidas nelas, as conchas de moluscos e caracóis cujos congéneres vivos povoam essas águas ainda hoje. Encontramo-nos aqui sobre dois recifes de coral, um antigo, morto há dezenas de milénios, outro no-

vo, que continua a crescer sobre o cadáver do antigo, já que os corais têm, tal como as culturas, o hábito de se desenvolver sobre os cadáveres dos seus antepassados.

Aproximo-me da superfície escarpada frente ao mar e percorro-a nadando até ao ponto em que posso tocar com a mão direita uma saliência cómoda e não demasiado cortante para me agarrar. Num estado de imponderabilidade celeste, agradavelmente fresco sem ter frio, estranho nesse mundo feérico e por isso isento de toda a preocupação terrestre, deixo-me embalar pelas doces ondas. Esqueço a minha própria identidade, todo eu sou olhos, balão cativo animado e feliz.

Por todo o lado me rodeiam peixes, quase todos muito pequenos devido à profundidade mínima. A curiosidade fá-los sair dos esconderijos onde se haviam refugiado à minha chegada. Cada vez se aproximam mais, dando apenas um pequeno salto para trás quando aclaro a garganta, ou antes, o respirador, expulsando, por uma expiração violenta, a água que aí se havia condensado. Logo que a minha respiração volta a ser calma e silenciosa, avançam de novo e, ao vê-los subir e descer ao mesmo ritmo que eu, no doce marulhar da água, recito, consciente da minha cultura clássica: «Rodeais-me de novo, aéreos vultos, / que à turva vista outrora vos mostrastes. / Tentarei desta vez aqui reter-vos? / E a tal ilusão inda propenso / será meu coração?»\*

Foi, na verdade, em peixes que outrora a minha turva vista descobriu algumas leis gerais do comportamento animal. A princípio não percebia literalmente nada, mas a ilusão de vir um dia a entender qualquer coisa atrai sempre o meu espírito. Captar a multidão das formas não será a finalidade do zoologista, tal como a do artista plástico?

A multidão das formas que fervilham à minha volta — algumas tão próximas que os meus olhos de presbita quase as não distinguem com clareza — começa por parecer infinita. No entanto, depois de algum tempo, começo a familiarizar-me com as suas fisionomias próprias. A «percepção das formas», a mais maravilhosa

\* As citações do *Fausto*, de Goethe, nas epígrafes e no texto, são tiradas da tradução de Agostinho d'Ornellas — (N. T.)

faculdade do conhecimento humano, permite-me uma primeira classificação destes seres tão diferentes. Reparo então que as suas espécies, embora bastante numerosas, não o são tanto como eu julgava. Distingue-se imediatamente duas categorias de peixes: os que chegam aos cardumes a maior parte das vezes do largo ou ao longo da parede da rocha, e aquele que, quando o pânico provocado pela minha intrusão se acalma, saem lentamente, prudentemente, de alguma cavidade ou de outro qualquer esconderijo, *sempre sós*. Destes últimos, já sei que se encontra sempre o mesmo animal — por vezes passados dias ou semanas — no mesmo sítio. Durante toda a minha estadia em Key Largo, fazia assim regularmente visitas a um magnífico peixe-borboleta ocelado que quase sempre encontrava em sua casa, debaixo de um pontão de embarque que o ciclone Donna tinha feito ruir.

Entre os peixes que se deslocam aos cardumes e que se encontram aqui e ali, há milhões de pequenos peixes-rei prateados e de certos peixes pequenos, semelhantes aos arenques, que vivem nas proximidades da costa, tal como os seus infatigáveis perseguidores, os peixes-agulha, rápidos como flechas. Debaixo dos pontões, dos muros do cais e das falésias esperam, imóveis, milhares de «Snappers» ou peixes-mordedores e, entre muitos outros, os «goelas púrpura» de maravilhosas riscas azuis e amarelas, por vezes chamados «roncadores» porque emitem uma espécie de grunhido quando os tiram da água. Particularmente bonitos e particularmente numerosos são os «roncadores» de riscas azuis, os brancos e os de riscas amarelas, cujos nomes são mal escolhidos, pois as suas listas, embora dispostas diferentemente, são sempre azuis e amarelas. Observei de resto que essas três espécies formam cardumes mistos. O seu nome alemão «goela púrpura» explica-se pela curiosa coloração de um vermelho intenso da sua mucosa bucal que só se vê quando o peixe abre a boca muito aberta para ameaçar um dos seus congéneres. Este responde então da mesma maneira. Mas nunca observei que esta ameaça, impressionante e mútua, tenha dado em qualquer luta séria.

O que torna os «goelas púrpura», os que acabo de dizer e muitos outros, de tal modo simpáticos — tal como os *snappers*, que nadam muitas vezes na sua companhia — é que estes peixes acom-